

36º Encontro Anual da Anpocs

GT 15- Gênero, deslocamentos, militâncias e
democracia

Diários Virtuais: maternidade lésbica e militância

Anna Carolina Horstmann Amorim

Resumo

Este trabalho busca apresentar reflexões sobre a internet enquanto um espaço frutífero para a formação de redes de relações específicas que produzem, de modo acentuado, impactos sobre a formação de identidades de mulheres lésbicas e sobre processos democráticos relacionados à busca de pessoas homossexuais por direitos.

Para este trabalho, elenquei cinco blogs que falam explicitamente das questões acima e que apresentam esta rede de relação entre as mulheres de diferentes cidades do Brasil, incluindo relatos de uma mulher vivendo fora do Brasil.

Esses blogs são reveladores no que toca a necessidade de evidenciar a possibilidade real de homossexuais construírem projetos familiares e de filiação. Neste sentido, não se pode deixar de falar que estes blogs referenciam práticas familiares e parentidades proporcionadas por técnicas reprodutivas que contribuem para um estremecimento de fronteiras excessivamente rígidas e fixas, demonstrando outras formas de construção do gênero habitantes em um mundo viável, abandonando o espectro da abjeção. A norma de gênero é passível de ser questionada, ganhando relevo neste cenário virtual, não por isso menos real, a construção política das identidades. Constitui-se, desta forma, importantes espaços de organização e porque não, militância.

Introdução

Este trabalho busca apresentar reflexões sobre a internet enquanto um espaço frutífero para a formação de redes de relações específicas que produzem, de modo acentuado, impactos sobre a formação de identidades de mulheres lésbicas e sobre processos democráticos relacionados à busca de pessoas homossexuais por direitos.

Destaco que o interesse desta reflexão tangencia uma pesquisa maior que se dedica a pensar a maternidade lésbica propiciada por técnicas de reprodução

assistida. Em sintonia com essa pesquisa, entrei em contato com o universo dos blogs, que aqui chamo de diários virtuais, sobre maternidade lésbica que preenchem o mundo virtual e que ganham destaque enquanto lugar de fala de mulheres com interesses, buscas, dúvidas e histórias semelhantes.

Este tema, é certo, passa na tangente de boa parte da literatura feminista e dos estudos de gênero unindo, de modo interessante, debates sobre corporalidade, sexo, desejo, gênero, normas de gênero, sexualidade, conjugalidade, saúde, militância e democracia. Mesmo atentando para o fato das indispensáveis contribuições desta vasta literatura para a pesquisa, seria um trabalho de muito fôlego agrupar as tantas discussões neste artigo.

Assim, dentre tantos caminhos, elejo apenas alguns elementos para pensar. Dou ênfase às questões que têm chamado minha atenção de modo mais contundente nesta etapa da pesquisa e das formulações teóricas sobre o campo. Parto da análise de blog/diários de mulheres lésbicas que buscam a realização do “sonho” da maternidade através da reprodução assistida, para pensar de que modo este universo configura-se, para além de um lugar de fala individual, como uma rede de articulações políticas e militantes em prol do casamento, das famílias homoafetivas, da homoparentalidade e dos direitos de pessoas e casais homossexuais.

Blogs sobre maternidade lésbica: Diários virtuais, lesbianidade, conjugalidade e parentalidade.

Sendo o campo da homoconjugalidade e da homoparentalidade de casais de mulheres recheado de relações, sentidos e práticas complexas, elejo como suportes metodológicos a pesquisa bibliográfica, bem como o recurso ao método etnográfico Destaco, que a pesquisa de campo realiza-se na internet. Através de uma “etnografia virtual” de blogs sobre maternidade lésbica que foram para mim, no momento de delimitar os caminhos da minha pesquisa de mestrado, chaves de entrada no universo da maternidade lésbica.

Destaco, na linha de que propõe Mário Guimarães Jr (2000) em um ótimo artigo sobre as ciências sociais e as pesquisas no ciberespaço, a importância de pensarmos a virtualidade não enquanto uma “não realidade”. Guimarães indica que o virtual não opõem-se ao real, mas que este complementa e ainda transforma a realidade ao subverte-la em seus limites espaço/temporais. O virtual, não opondo-se ao real constitui uma dimensão singular da realidade.

Já segundo Jean Segata (2008) a antropologia está preocupada, para além de discussões sobre o que é mais ou menos real, melhor ou pior, como a vida das pessoas no ciberespaço e o ciberespaço na vida das pessoas, não como entidades separadas, mas como constructo comum e cotidiano. Segata destaca ainda:

Destarte, é interessante pontuar que, apesar de nas últimas décadas, a antropologia ter, aparentemente, se subdividido multiplamente em pequenas porções especializadas em certos campos e objetos, com a criação de “antropologias da..., do..., ou de...”, quando falamos em *antropologia no ciberespaço*, não estamos reivindicando mais uma especialidade antropológica, que tal como outras tantas é cada vez mais especializada, se apoia cada vez mais em disciplinas irmãs, como a história, a psicologia, a sociologia, ou a filosofia, para darem conta de seus específicos objetos de estudo, terminando por fazer da antropologia como um todo, uma espécie de Torre de Babel, onde antropólogos falam idiomas completamente diferentes. O ciberespaço, aqui, é compreendido não simplesmente como um objeto de estudo antropológico, mas como um campo antropológico com objetos das mais diversas naturezas, tais os de “quaisquer antropologias”. Como campo, certamente há exigências teórico-metodológicas específicas, mas elas dialogam com a antropologia como um todo – não são conceitos específicos, com metodologias específicas de “uma antropologia específica.

Em suma, tal o que de maneira geral se faz em outros campos de investigação antropológica, neste, o ciberespaço, também fazemos etnografias (SEGATA, 2008)

É neste sentido que este trabalho se propõem a pensar as relações estabelecidas e construídas através dos blogs/diários e sobremaneira, com os blogs enquanto complementos da realidade. Demonstrando como este circuito,

ao qual chamo de universo virtual, faz conversar escritos e pessoas, via internet ou, tantas vezes, mobilizando encontros pessoais, fazendo circular ideias, sentimentos, amizades e discussões online e off-line.

Foi após acessar os blogs encontrados através do Google, utilizando a palavra chave maternidade lésbica, que me deparei com a riqueza que ali se apresentava ao observar a presença de inúmeros outros blogs listados no corpo do site visitado como: blogs que sigo/acompanho. Tratava-se, na realidade, da lista de blogs seguidos pela dona da página virtual que eu estava visitando. Foi acessando cada uma destas páginas que pude perceber a extensa relação que se configurava. Blogs sobre maternidade lésbica de mulheres de diferentes estados do país estavam conectados em uma rede onde quase todas se conheciam e acompanhavam o desenrolar da vida das conhecidas dos demais blogs.

Foi então que a dimensão da internet enquanto ferramenta de pesquisa se delineou e que se fez concreta a ideia de que eu estava diante de uma rede de relações. Uma organização voltada à discussão de algumas temáticas como lesbianidade, família, homoparentalidade, direitos homossexuais e lutas por igualdade de acesso ao casamento e à família. Tratava-se, para mim, de uma rede de militância lésbica viva no ciberespaço, em prol da família, marcando acentuadamente processos de identidades lésbicas e lutas por direitos.

É exemplo destas redes, conversar e contatos esse comentário deixado em um post do blog:

Jess M.22 de março de 2011 18:32

Olá mães! Estamos iniciando nosso blog e gostaríamos de fazer novas amizades! Já seguimos aqui, que tal uma parceria? Linkamos o blog de vocês e vocês o nosso! Aguardamos resposta, beijos!
<http://mamaedalaura.blogspot.com/>
Mães Jess e Dre.
[Responder](#) ¹

1 <http://duasmaes.blogspot.com.br/2011/03/papos-de-lucca.html#comment-form>

Pensando nas tramas que envolvem o estudo da maternidade lésbica propiciada pelas novas tecnologias reprodutivas, tema de grande parte das discussões presentes nos blogs visitados, me debruço sobre um arcabouço teórico específico que perpassa os estudos sobre parentesco, sobre homossexualidades e sobre lesbianidades que performatam os caminhos que me trouxeram aos blogs e desembocam na presente reflexão sobre os diários virtuais como instâncias de militância política de grande alcance e sucesso.

Os estudos teóricos e metodológicos sobre parentesco na antropologia fazem parte da história da disciplina. Entretanto, a antropóloga Cláudia Fonseca aponta que este campo de estudo esteve por certo tempo (anos 70/80) em declínio, sendo praticamente deixado de lado especialmente após os questionamentos políticos e epistemológicos, tecidos por antropólogas feministas, referentes às análises clássicas.

O livro seminal de Schneider, *American Kinship: A Cultural Account* (1980), é referência nestes apontamentos. Neste, o autor denunciou o etnocentrismo ocidental presente nos correntes modelos antropológicos sobre parentesco. Suas acusações foram tão contundentes que não deixaram nenhum antropólogo que o tivesse lido voltar ao uso dos velhos modelos sem alguma inquietação. A ideia de força de seu livro era de que o conceito de parentesco que os antropólogos haviam forjado, baseado em símbolos de sexo e sangue, era fruto do etnocentrismo ocidental.

Em meio a esse debate sobre o conceito antropológico clássico de parentesco, não se pode deixar de reconhecer que as antropólogas feministas já vinham na esteira da rejeição da mulher universal e do florescimento dos estudos de gênero, “desnaturalizando” tudo que era tido como natural, a exemplo das noções biológicas presentes no conceito de parentesco. Deste modo, durante os anos 1970 e 1980 os estudos sobre parentesco pareciam definhar na disciplina. No entanto, nas últimas décadas (1990 e 2000) novos estudos sobre parentesco ganharam fôlego na antropologia, grande parte deles influenciados pela teoria feminista, que deu novos contornos a este campo de análise antropológica.

O livro de Janet Carsten (2000) e a coletânea *Relative Values* (2001) são enfáticos sobre a necessidade da contestação de visões naturalizantes de parentesco. Na tentativa de escapar da encruzilhada etnocêntrica do conceito clássico de parentesco, antropólogas feministas propõem soluções distintas e a busca por sublinhar incertezas que circundam definições de parentesco emerge como uma das possíveis saídas (FONSECA, 2003).

Ressalto que o parentesco, enquanto campo de análise da disciplina se insere atualmente no lugar onde a tendência a discutir grupos de descendência e casamentos preferenciais cedeu definitivamente lugar a outras questões.

É certo, segundo Fonseca (2003), que estes anos de silêncio nos estudos sobre parentesco nada tiveram de tão silenciosos. A teoria feminista e os estudos de gênero estiveram a todo vapor e em contato direto com a antropologia do parentesco, formando ao longo das últimas décadas novos modos de pensar o parentesco.

O próprio Schneider (1995) aponta o ressurgimento do parentesco como tema de interesse na disciplina, destacando a importância dos trabalhos de Marilyn Strathern e dos estudos gays e lésbicos. Deste modo, Claudia Fonseca (2003) ressalta que nem todos os recentes estudos sobre parentesco são frutos da antropologia feministas, mas todos reconhecem sua importância na evolução do campo.

Destaco ainda, como tema relevante desta minha análise, que a afluência entre a teoria feminista e os estudos de parentesco rendeu contribuição para a episteme da disciplina. Corrente é que até os anos 1970 havia um entendimento implícito na disciplina de que a noção de parentesco servia melhor aos estudos das sociedades tribais, enquanto o termo “família” melhor encaixava-se às análises das sociedades complexas. Contudo, em face da repatriação da antropologia frente às lutas anticoloniais, a divisão do mundo e da ciência entre nós e eles modificou-se radicalmente. Voltar o olhar para a própria sociedade foi mais que incluir o sistema (tomado como universal) de parentesco anglo-saxão entre os objetos de estudo. Implicou, antes, repensar os próprios termos da

ciência acadêmica. Tal perspectiva provocou uma revolução na reflexão antropológica.

É possível, então, observar que as feministas avançaram as críticas de Schneider sobre a desconstrução das bases biológicas da natureza. Como afirma a antropóloga Cláudia Fonseca:

Se ainda existem antropólogos afirmando que "afinal, a mulher tem útero", existe um consenso majoritário (eu diria) na disciplina no sentido de que a noção de natureza é tão socialmente construída quanto qualquer outro tropo de nossa realidade [...] Devemos estudar parentesco principalmente para não repetir os erros do passado, para não permitir que o senso comum invada mais uma vez o campo, impondo visões naturalizadas e moralistas da família humana (FONSECA, 2003, p.22)

O parentesco, desta forma, deixa de ser tomado como um domínio particular de estudos. Reconhece-se a importância de estudá-lo atentando para o emaranhado que forma junto à complexa realidade que envolve a análise de dinâmicas tradicionalmente destinadas às áreas de economia, política, religião, ciência e tecnologia. Assim, faz-se essencial olhar para a pesquisa sobre parentesco não o tomando como base da cultura, mas ressaltando-o como um fenômeno cultural de alta complexidade que agrega outros fenômenos sociais, políticos e econômicos (BUTLER, 2003).

Neste contínuo, as reflexões a seguir estão preocupadas com essas dimensões que imbricam diversificadas realidades ao trazerem a tona questões referentes a configurações familiares e identitárias, parentesco, homossexualidade, reivindicações políticas e tecnologias médico/científicas.

Destaco que a contribuição das teóricas feministas para o campo de estudos sobre parentesco foi tão intensa que dá base para minhas reflexões, que buscam confluir diferentes dimensões das realidades cotidianas daquelas que põe a conversar homoparentalidade e reivindicações identitárias e políticas, como é exemplar o post abaixo e os comentários que seguem a postagem, que

indicam a consolidação de uma rede de fala de mulheres com interesses, buscas, dúvidas, histórias semelhante e lutas conjuntas em prol de direitos.

17 de junho de 2012

Me sinto assim

Desde que me conheço por gente eu sonhava em ter filhos, muitos filhos. Quando era criança queria ter 8 filhos kkkkk, no início da adolescência o número caiu para 6, depois dos 16 anos caiu para 4, hoje estou em 1, 2 no máximo ou, é claro quantos vierem na gestação kkkk(se vier mais que um não tentamos mais).

Acho que até já comentei que foi muito difícil eu me aceitar justamente por conta do sonho da maternidade. Pensava em mil coisas, principalmente em minha religião na época.

Por diversas vezes me pegava sonhando em ter uma companheira, fazer inseminação e ter meu tão sonhado filho. Mas isso eu não contava nem para o espelho tamanha era minha vergonha por desejar algo que a igreja abominava, tão logo acreditava que Deus também abominava.

Antes eu ficava me perguntando: Como vou me casar vestida de noiva? Como vou ter filhos? Como terei filhos sem pai? Como vou explicar que eles não tem pai? Que sou casada com outra mulher? O que vou dizer?

Orava durante horas pedindo perdão à Deus por ter pensado uma coisa dessa até o dia que me dei conta que Deus é simplesmente amor, criador, pai, ele me fez assim e me aceita assim e foi então que me aceitei (costumo brincar que até minha mãe me aceitou antes que eu, kkkk. Eu ficava um pouco constrangida no início e ela falava: não tem que ter vergonha não Rê! E é verdade, hoje não tenho nenhum pouco, não me sinto pior ou melhor que ninguém por ser casada com uma mulher ao invés de um homem).



Hoje não acho que tenho que me privar dos meus sonhos, de nenhum mesmo por gostar de mulher. Posso me casar vestida de noiva sim...posso ter lua de mel se achar necessário, posso usar aliança na mão esquerda á vontade, apesar de algumas pessoas acharem que tudo isso é coisa de hétero e que eu poderia arranjar outras formas de concluir os meus sonhos. Mas se o sonho é meu vou concluí-lo da forma que ele é. Não pretendo inventar outras coisas só para ser diferente, sou mulher, ser humano como qualquer outro, sonhadora por natureza e não me sinto diferente apesar de tanto ouvir, parece que isso não me entra na cabeça, rs. Amor é amor e ponto. Vivemos em uma sociedade hipócrita? Sim vivemos e temos que nos adequar com algumas coisas, mas daí mudar a minha excência...não.

O que vou dizer a meus filhos quando eles perguntarem (se perguntarem) porque eles não tem pai? Simplesmente a verdade. Mas não esquento tanto com isso porque sei que as coisas acontecem naturalmente, assim como foi em casa, eu não perguntava para minha mãe: Mãe a senhora é casada com quem? Porque eu já sabia.

O papel de amar, educar, cuidar, se responsabilizar será puro e simplesmente das mães, nossos familiares, amigos, vizinhos poderão compartilhar de nossos momentos, com a certeza de que somos uma família como qualquer uma que ama, respeita e cuida e que jamais precisarão falar de nossos filhos: Tadinhos!é porque eles não tem pai.

Cada um tem uma forma de pensar. Acredito que cada um recebe as coisas de uma forma e sinto as coisas de uma forma, então caso os meus filhos queiram nomear alguém como pai os deixarei a vontade. O papel masculino eles terão do padrinho, dos tios, dos meus amigos se isso fizer bem pra eles porque não? Mas quero simplesmente que eles saibam que tem uma família sim e que suas mães sonharam com eles, os quiseram muito.

Bjos

Postado por [Meu Maior Projeto](#) às 01:01 2 comentários:

2 comentários:



1. [..Família Colorida...domingo, junho 17, 2012](#)

Meninas, vocês podem qualquer coisa! Não há limites nessa vida para a felicidade! Não deixem que ninguém nem nenhum tipo de crença as faça desistir de qualquer coisa. Querem casar de noivas? Casem! Façam tudo o que for importante pra vocês pois tenham certeza que ninguém deixaria de fazer o que é importante para eles só porque vocês não aprovam, certo?

Beijinhos.



2. [Meu Maior Projeto terça-feira, junho 19, 2012](#)

Certíssimo Maísa, ninguém deixa de viver o que quer simplesmente porque não concordamos. É como todo mundo diz: Deus deu a vida para cada um cuidar da sua.

Bjos²

Militância X Família?

Se as contribuições feministas são de tamanha relevância para o debate sobre parentesco e homoparentalidade por outro lado alguns posicionamentos apontam para tensões no que se refere a uma crítica radical à instituição do casamento e a defesa da igualdade de direitos.

Como nos mostra Miguel Vale de Almeida (2010) alguns “setores do feminismo lésbico subscrevem a noção de que o casamento e a família são instituições que historicamente subordinaram as mulheres e que, sobretudo, o Estado não deveria definir os contornos das relações entre dois adultos” (ALMEIDA, 2010,

² <http://meumaiorprojeto.blogspot.com.br/2012/06/me-sinto-assim.html#comment-form>

p.112). A preocupação nestes setores parece gerar em torno do fato do contrato de casamento configurar uma tendência para encaixar gays e lésbicas num modelo heterocentrado de coabitação obrigatória, fidelidade e deveres econômicos. Parece haver uma certa postura de que as famílias, casais e pessoas homossexuais deveriam comportar-se de modo revolucionário, crítico.

Camila Pinheiro Medeiros (2004) em seu trabalho de conclusão de curso aponta que parece haver uma distinção no que tange o posicionamento político da família homoparental e da exposição da lesbianidade daquelas que são e não são vinculadas aos movimentos sociais. Camila afirma que, de modo geral, as mulheres não ligadas aos movimentos sociais ou as não militantes corroboram a lógica do “não precisa ficar falando a toda hora” e assim reivindicam para si e para sua família um lugar de normalidade e adaptação a um meio social homofóbico.

Se militância configura ter de “estar falando” reivindicado para os blogs o lugar de espaço de militância e destaque a maternidade como mola propulsora de um engajamento político e identitário em prol do reconhecimento e visibilidade da lesbianidade e da maternidade lésbica. Esses diários virtuais são escritos no intuito de comunicar e fazer circular a história de vida dessas mulheres, os percursos de uma vida homossexual, a construção de relações conjugais e o desejo pela construção de famílias. Apresenta-se que estes diários virtuais estão recheados de discussões sobre a construção de identidades lésbicas e sobre a necessidade de tornar pública a existência destas mulheres, destes casais e dessas famílias “coloridas”, dando suporte para tantas outras mulheres que vivenciam realidades similares.

Se estas mães lésbicas estão muitas vezes ausentes dos movimentos sociais e da militância formal talvez se deva a este embate entre homossexualidade, um modo de vida revolucionário e a vontade de casar e ter família. Entretanto, como temos visto, a família acaba por engrossar as lutas políticas e configura-se como foco de discussão de mulheres e casais engajados.

Esses blogs são reveladores no que toca a necessidade de evidenciar a possibilidade real de homossexuais construírem projetos familiares e de filiação.

Os cinco blogs analisados estão quase que em sua totalidade preocupados em demonstrar e afirmar que as famílias homoparentais são possíveis. Trazem exemplos de casos que apareceram na mídia e dão destaque a suas realidades trazendo para o debate discussões sobre leis, sobre decisões do STF brasileiro, sobre realidades no exterior, sobre conquistas e avanços.

Marco na História do País

Pronto, por unanimidade, pelo placar 10 votos a 0, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceram a união estável para casais do mesmo sexo. Nossa, os discursos foram simplesmente de tirar o fôlego, o relator Ministro Carlos Ayres Britto como sempre se superando, muito eloquente e carismático, os Ministros Luis Fux citando de ferando Pessoa a Rui Barbosa, Ricardo Lewandowski trazendo a diferenciação entre as diversas formas de ser família, a Minstra Carmem Lúcia citando a Carta Magna, Marco Aurélio, Joaquim Barbosa fazendo uma reflexão sobre a necessidade das leis se adequarem as sociedades e de todos os outros que contribuíram para este momento inesquecível. Assim, a partir de agora, as relação homoafetivas de caráter duradouro e pública terão os mesmos direitos e deveres das famílias formadas por homens e mulheres.³

Somos uma família! Obrigada STF!!!

³ <http://duasmaes.blogspot.com.br/>



Enfim somos uma família também no Brasil! Já nos considerávamos entidade familiar, é claro... mas ter o reconhecimento nacional é demais! Que noite feliz! E que presentão de dia das mães que ganhamos! Quem sabe um dia vão também reconhecer nosso casamento aqui no Brasil!

As coisas ainda parecem estar meio "no ar" em relação à adoção... e ninguém comentou nada sobre famílias como a minha (inseminação assistida). Como faremos?... Enfim, existem muitas formações familiares e a justiça vai ter que se adaptar à nova situação!⁴

Bem como discutem abertamente sobre os procedimentos possíveis para a consecução da maternidade e da conquista legal do reconhecimento da duplamaternidade. Apontam quais foram as estratégias utilizadas, revelam quais procedimentos de reprodução assistida utilizaram narrando acontecimentos pessoais e experiências com clínicas e médicos específicos, dando dicas de qual clínica procurar, do valor pago, dos problemas enfrentados.

4 <http://minhasduasmamaes.blogspot.com.br/>

Neste sentido percebe-se claramente como e as sociedades mudam e com elas os significados culturais. Cabe a nós atentarmos para a necessidade do reconhecimento destes modos de viver e fazer família, nas palavras do antropólogo Miguel Vale de Almeida:

Os casais de homens existem; os casais de mulheres existem; os casais de homens e os casais de mulheres com filhos - de relações anteriores, adotados ou resultantes de novas técnicas reprodutivas- existem. E agora existem também Estados onde estas realidades, além de corresponderem a *práticas* e além de terem *significado* para os seus atores e atrizes, gozam de reconhecimento pelo poder legitimado. É justamente esse reconhecimento pelo Estado que dá importância ao tema, por transportá-lo do campo das práticas dispersas para o espaço público e para o contrato social (ALMEIDA, 2010. P. 113)

O casamento, nestes debates acaba funcionando mais como um símbolo de inclusão, cidadania e reconhecimento, como mostra o desejo deste casal em realizar o casamento.

Casamento

Ontem fui ao cartório para dar entrada nos documentos necessários para converter nossa união estável em casamento. Para minha surpresa fui informada que aqui em Salvador não se realiza ainda essa conversão, muito menos se realiza casamento entre casais homossexuais. Porém, a oficial de justiça, me disse, na maior simpatia do mundo que o cartório não está se negando a fazer isso, apenas precisa de uma determinação judicial. Imagine se ela se negasse, não é? Agora Dra. Cláudia Viana tem uma tarefa a fazer: Conseguir a tal determinação!!!! ou do contrário teremos que casar em outro estado como fizemos com a união estável!!!!



Postado por [Milena](#) às 08:12

4 comentários:



1.

[Mariah e suas duas mães](#) 19 de junho de 2012 16:18

o Cúmulo...

tb passamos por isto na nossa cidade. Tivemos a mesma resposta.

Sabe o que não entendo? Pq alguns estados resolvem contestar as leis? Só no Brasil que acontece isto.

Como fazer pra casar em outro estado? Não tem que provar moradia? Explique pra gente.

bjs

[Responder](#)



2.

[Fernanda19 de junho de 2012 22:55](#)

Aqui em casa fizemos a união estável sem problemas, há qse 3 anos atrás...Qto ao casamento, ficou esta preguiçinha (errada) de sabe que ainda depende muito disso e daquilo. Não precisava ser assim.

[Responder](#)



3.

[Mama C e Mama B22 de junho de 2012 07:59](#)

Meninas,

Bom saber que são de Salvador...estamos morando em Aracaju.

Somos um casal em busca do sonho de ser mães.

Abraços

<http://www.twomomsandme.blogspot.com.br/>

[Responder](#)

4.

[Angela e Carla28 de junho de 2012 19:38](#)

Hein?? Meninas nós conseguimos a nossa liberação depois de quase 3 meses de luta e vamos nos casar semana que vem, a informação que tínhamos recebido era que bahia e alagoas já faziam o procedimento sem protocolo nenhum. Nós somos de Aracaju e por pouco não viajamos para fazer o casamento aí... Curioso o que vcs estão dizendo... Como a realidade é diferente.⁵

E é este o lugar que estes diários têm ocupado enquanto uma chave para saída do armário destas e de tantas mulheres lésbicas. Configuram-se como “ato primordial de libertação, simultaneamente auto constitutivo do sujeito e

5 <http://duasmaes.blogspot.com.br/2012/06/casamento.html#comment-form>

politicizador da identidade” (ALMEIDA, 2010, p.22) visto que serve como publicização de uma história, de uma experiência e de base para a transformação do desejo em identidades através do encontro com semelhantes.

O encontro com outras famílias possibilita a sua própria aceitação e impele a discussão aberta sobre reconfigurações familiares, sobre a necessidade de adequações jurídicas para estas realidades e nos dão a ver como estão sendo constantemente construídas, remodeladas, classificadas e pensadas os modelos estabelecido de parentesco, parentalidade e família.

Lembro, enquanto estudante de antropologia, que as problematizações sobre gênero, parentesco, família, conjugalidade só apresentam relevância no momento em que casais de lésbicas e gays efetivamente começam a criar crianças e instauram-se transformações nas relações de gênero, nas conjugalidades, nas percepções da sexualidade, nos mecanismos da reprodução humana ou nas noções de propriedade, tutela e responsabilidade das e para com as crianças. Fatos etnograficamente verificáveis através dos blogs que cumprem seu papel de dar visibilidade a estas configurações familiares perante a nossa sociedade que continua materializando este arranjo familiar em um recorte estigmatizado.

Falar de filhos, família e casamento apresenta-se como estratégia de luta e de combate. Neste sentido, não se pode deixar de falar que estes blogs referenciam práticas familiares e parentalidades que contribuem para um estremecimento de fronteiras excessivamente rígidas e fixas, demonstrando outras formas de construção do gênero habitantes em um mundo viável, abandonando o espectro da abjeção. A norma de gênero é passível de ser questionada, ganhando relevo neste cenário virtual, não por isso menos real, a construção política das identidades. Constituído-se, desta forma, importantes espaços de organização e porque não, militância.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Miguel Vale de. *A chave do armário: homossexualidade, casamento, família*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2010.

BUTLER, Judith. *Sujeitos do sexo/gênero/desejo e Atos Corporais Subversivos*. In: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

_____. *O parentesco é sempre tido como heterossexual?*. Cad. Pagu, Campinas, 21: 219-260.

FONSECA, Cláudia. *De Afinidades a Coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco entre décadas recentes da Antropologia*. In: *Ilha Revista de Antropologia*. Florianópolis: UFSC. v. 5, n. 2, Dez. 2003

_____. *Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco*. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 3, Dec. 2008.

GUIMARAES JUNIOR, Mario. *O ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais*. Rev. Ilha, Florianópolis, n.1, dez. 2000

MEDEIROS, Camila Medeiros. *Sobre deveres e prazeres: estudos a cerca de mulheres que se assumiram lésbicas depois de terem sido mães*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004

SARAIVA, Eduardo. *Encontros amorosos, desejos resignificados: sobre a experiência de assumir-se gay na vida de homens casados e pais de família*. In: *Conjugalidades, Parentalidades e identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Miriam Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello (orgs). Rio de Janeiro: Garamond, 2007

SEGATA, Jean. *Antropologia no Ciberespaço*. Coluna, n 42. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/colu/colu42.htm>. Acesso em 02/09/2012

TARNOVSKI, Flávio Luiz. *“Pais Assumidos”: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, UFSC/CFH, Florianópolis, 2002.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre “gentes remotas e estranhas” numa “sociedade descente”*. In: *Conjugalidades, Parentalidades e identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Miriam Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello (orgs). Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ZAMBRANO, Elisabeth. *Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 26, jul/dez. 2006

Blogs acessados:

<http://minhasduasmamaes.blogspot.com.br/>

<http://nossafamiliacolorida.blogspot.com.br/>

<http://clarinhaesuasmamaes.blogspot.com.br/>

<http://meumaiorprojeto.blogspot.com.br/>

<http://duasmaes.blogspot.com.br/>